

Ensinando a Bíblia na escola

Rousas J. Rushdoony

As aulas de Bíblia em uma escola cristã são um fracasso, a menos que os elementos essenciais da fé bíblica se apliquem a todas as outras aulas na escola. Visitei colégios supostamente fortes e conservadores ao longo de vinte anos e percebi a razão pela qual estavam destinados a desviarem-se para o liberalismo e o pensamento evolucionista ao ver as disciplinas que não estavam relacionados com a Bíblia. Em todos os casos, este desvio já estava bastante evidente. A razão para ele é que, por exemplo, a matemática é ensinada de um ponto de vista relativista; as aulas começam com uma oração, e logo o ensino nega implicitamente a Deus. As aulas de ciência pressupõem um universo que é uma força cega e impessoal, não a criação de um Deus pessoal. A sociologia e as disciplinas de estudos sociais assumem que a predestinação se encontra nas mãos do homem, não nas de Deus. A psicologia e a antropologia, em lugar de serem braços da teologia, como o foram em sua origem, se convertem em servas do humanismo, e assim sucessivamente. Um currículo humanista não pode se tornar cristão porque começa com uma oração ou aspergindo água benta, mas unicamente através de pressuposições nitidamente bíblicas.

A Bíblia, como Cornelius Van Til afirmou, não nos dá a multiplicidade de fatos que compõem a matemática, a paleontologia, a física, a biologia, ou qualquer outra disciplina, mas nos dá “*a verdade sobre todos os fatos*”. Isso quer dizer que todos os fatos são criados por Deus, governador por Deus e que servem a Deus.

A Bíblia *é fundamental para toda a educação* porque nos dá *o significado de todos os fatos e o propósito da educação*. Salomão fez duas importantes declarações com respeito à instrução:

O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino (Pv. 1:7)

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência (Pv. 9:10)

Existe uma importante diferença entre *conhecimento* e *sabedoria*. A Escritura fala muito bem de ambos. O conhecimento é um aspecto da imagem de Deus no homem (Cl. 3:10; Gn. 2:19,20). Porém, o conhecimento separado de Deus se converte em mera aprendizagem. A amplitude da aprendizagem no mundo moderno é enorme, porém é igual à aprendizagem de Alexandria, não tem significado nem foco. Uma tese de doutorado sobre o uso da vírgula na obra de Shakespeare nos fornece muita aprendizagem; adquirimos um conhecimento extenso e detalhado, porém muito pouca, para não dizer nenhuma, sabedoria. A sabedoria, por outro lado, é perspicácia e entendimento. O conhecimento e a sabedoria se unem na fé cristã bíblica e devem estar unidos na educação cristã. O conselho de Paulo a Timóteo apresenta uma ênfase similar:

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. Evita, igualmente, os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior.

Os “vãos (ou inúteis) falatórios” são especulações sem sentido e são mais motivadas pela curiosidade do que pela sabedoria. Alguns homens tratam incessantemente de obter um novo conhecimento da Escritura sobre o céu, o inferno, os anjos e os demônios. Querem informação inédita, não sabedoria. Boa parte da pesquisa e erudição atuais nas artes e ciências liberais carece igualmente de sabedoria.

O ensino da Bíblia deve ser feito com conhecimento e sabedoria. A Bíblia é a revelação de Deus ao homem; tem como objetivo a comunicação por parte de Deus ao homem do propósito e da salvação de Deus. Ao ensinar a Bíblia deve-se ter em mente, *primeiro*, que a escola cristã é uma escola, não uma igreja. Sua função essencial é a educação, não o evangelismo. As duas coisas não devem ser confundidas. Em algumas escolas o objetivo da aula de Bíblia é a conversão, e como resultado, a instrução padece, e a formação tende a ser em termos de uma resposta ao invés de refletir um conhecimento sólido da Escritura. O trabalho do professor é instruir e formar; a função do evangelista é apresentar o plano de salvação com convicção tendo a regeneração como meta. A “formação” que o evangelista busca é diferente. O melhor fundamento para a evangelização se estabelece por

meio de uma sólida instrução. A Escritura declara, “Assim, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm. 10:17). Não há melhor instrumento humano possível para garantir um ouvido que ouve do que a escola cristã e as sólidas turmas de Bíblia que por ela passam.

Segundo, a aula deve oferecer uma perspectiva geral muito bem definida da história e doutrina bíblica. A maior parte da instrução da escola dominical é quase inútil, porque a criança mediana tem muito pouco senso da unidade da Escritura ou da cronologia da Bíblia. A instrução da escola dominical geralmente está cheia de artifícios para despertar o interesse, é uma espécie de berçário, e com bastante freqüência é um desastre para a causa de Cristo. A escola cristã deve fazer com que a aula de Bíblia, mais do que todas as outras, seja altamente disciplinada e sólida.

Terceiro, a educação cristã nunca pode ser abstrata. A meta da educação humanista é a abstração. Sendo a realidade impessoal, a verdade sobre a realidade — para o humanista — não é concreta e é implícita e explícita quando aos fatos. Para nós, todos os fatos são concretos e são também fatos pessoais criados por Deus; têm o significado que Deus lhes conferiu. Não é necessário abstrair um significado em termos de seu significado imposto pelo homem. Uma abstração analisa o significado potencial de algo e conclui, em termos de critérios humanistas, que significado se pode atribuir àquele vazio sem sentido. O humanismo, quando aborda a Bíblia, busca miná-la para obter algum caminho possível de significado útil para o homem moderno. Alguns freqüentadores de igreja que afirmam crer na Bíblia também fazem o mesmo. Escrevem ou falam das “pepitas de ouro extraídas do livro de Josué”. Este não pode ser nosso enfoque. O significado de Deus em Josué deve ser nosso significado, não uma abstração. Assim, devemos estar seguros de que nosso estudo de Josué começa com a comissão, Josué 1:2–9; esta comissão é seguida na Escritura pela grande comissão de Mateus 28:18–20, que a resume. Josué e Israel devem avançar e conquistar a terra de Canaã para o Senhor; a igreja, como Novo Israel de Deus, deve conquistar o mundo para Cristo; e assim sucessivamente.

De modo que nosso estudo deve ser histórico e concreto. Isto também significa que ele cumpre melhor o propósito de Deus. Salomão, ao falar da obtenção e manuseio da sabedoria, diz: “O fim de todo o que

se ouviu é isto: Teme a Deus, e guarda seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem” (Eclesiastes 12:13). Nós ensinamos a Bíblia; ensinamos o plano de salvação nela contido, e o caminho da salvação. Nós *ensinamos*: o resto está nas mãos do Espírito Santo e do ministério da palavra.

Então, em *quarto* lugar, devemos recordar sempre que a Bíblia não é somente a palavra Deus mas também o livro mais emocionante que existe. Nosso ensino não deve nublar a emoção, beleza e poder da Bíblia. Uma ilustração da ignorância geral deste aspecto da Escritura provém da Inglaterra antes da Segunda Guerra Mundial. Em uma escola paroquial, as leituras diárias seguiam o *Leccionario Episcopal*, que divide Atos 27 em várias leituras, i.e., Atos 27:1–26 para a quarta-feira do quarto domingo, Atos 27:27 para a quinta-feira, Atos 27:14 para o nono domingo, e assim sucessivamente. Pediram para um garoto que não contava com uma formação cristã, ou um conhecimento da Escritura, que lesse Atos 27:1–26. Depois de ler os 26 versículos ele continuou lendo. Quando o diretor tentou pará-lo, o garoto disse que esperasse um pouco porque ele queria saber como a história terminaria. Houve um naufrágio e os passageiros conseguiriam se salvar? O garoto estava lendo a Bíblia de forma inteligente. Com muita freqüência, pedimos que as pessoas estudem a Escritura de forma muito pouco inteligente, como se ela não fosse um livro tremendamente envolvente.

Quinto, a Bíblia deve ser lida e estudada como a palavra do Deus vivo, uma palavra infalível e inerrante, porque não há nenhuma outra palavra da parte do Deus soberano e onisciente. É este livro que governa a educação cristã e a escola cristã. O professor deve crescer no estudo deste livro com o objetivo de ensiná-lo apropriadamente. Se nosso entendimento da Bíblia não cresce continuamente, não somos competentes para ensiná-la. Somente aqueles que sentem seu poder e emoção podem comunicá-la, e somente aqueles que conhecem o Deus da Escritura podem ensinar a verdade acerca dela.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Fonte: The Philosophy of the Christian Curriculum, p. 44–47.